

## O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO COMO MEDIADOR DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA

*(THE ROLE OF PSYCHOPEDAGOGY AS A MEDIATOR IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS OF CHILDREN WITH DISABILITIES)*

Aurélia Carneiro de Aguiar<sup>1</sup>

Daysivania Santos do Carmo<sup>2</sup>

Joel Sousa Santos<sup>3</sup>

Tatiane Batista Ferreira<sup>4</sup>

Emanuelle Oliveira da Fonseca Matos<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como proposta entender a função do psicopedagogo na escola. Para tanto, o principal objetivo é compreender a atuação do psicopedagogo no âmbito escolar. A pergunta norteadora da pesquisa é: qual o papel do psicopedagogo no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência? Para responder essa pergunta, foram estabelecidos os seguintes objetivos: compreender a atuação do psicopedagogo no processo de inclusão de alunos com deficiência; perceber a função do psicopedagogo no diagnóstico de alunos com dificuldades de aprendizagem e identificar as estratégias de ensino e aprendizagem para a inclusão de alunos com deficiência. O tipo de pesquisa é o estudo de caso; de abordagem qualitativa; foi feito também um estudo bibliográfico. Como instrumental, foi utilizada a entrevista semiestruturada. A pesquisa foi realizada em uma escola privada de pequeno porte e os sujeitos da pesquisa foram a coordenadora pedagógica e a psicopedagoga. Os resultados apontam que os sujeitos da pesquisa percebem a importância da educação inclusiva, mas que ainda existem limitações que impossibilita proporcionar a inclusão para todos.

**Palavras-chave:** Psicopedagogo. Escola. Crianças com deficiência

### ABSTRACT

This research is a work of graduate course completion in Pedagogy of Centro Universitário Ateneu. The present article aims to understand the role of the psychopedagogue in school. For this, the main objective is to improve the work of the psychopedagogue in the school environment. The guide question of the research is: what is the role of the psychopedagogue in the teaching and learning process of students with disabilities? To answer this question, the following objectives were configured: to understand the psychopedagogue's performance in the process of inclusion of students with disabilities; to perceive the role of the psychopedagogue in the diagnosis of students with learning difficulties and to identify teaching and learning strategies for the inclusion of students with disabilities. The type of research is the case study; of qualitative approach; a bibliographic study was also carried out. As instrumental, the semi-structured interview was used. The research was carried out in a small private school and the research subjects were the pedagogical coordinator and the psychopedagogue. The results indicate that the research subjects perceive the importance of inclusive education, but that there are still limitations that make it impossible to include all.

**Keywords:** Psychopedagogue. School. Children with disability.

1 Pedagoga pelo Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: aureliaaguiar299@gmail.com

2 Pedagoga pelo Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: daysivania22@gmail.com

3 Pedagoga pelo Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: ryuhitensho2020@gmail.com

4 Pedagoga pelo Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: tatianefbf@gmail.com

5 Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: emanuelle2211@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a atuação do psicopedagogo na escola, considerando as constantes mudanças na nossa sociedade, inclusive no que se refere aquelas introduzidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas, referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a educação básica.

Através desse documento, constata-se cada vez mais a necessidade de profissionais capacitados para trabalhar no processo de formação de pessoas com diversas necessidades, considerando suas especificidades. Daí a importância do papel do psicopedagogo no desenvolvimento de uma educação voltada para todos.

Justificamos o foco de nossa pesquisa pelo interesse em aprofundar os conhecimentos acerca da função do psicopedagogo na escola, sendo esse o principal responsável por auxiliar os professores no processo de inclusão de crianças com deficiência. Todavia, sua figura não se faz presente em diversas instituições de ensino. Além disso, é de interesse de um dos membros da equipe se aprofundar na área de atuação desse profissional, visto que possui familiar com autismo. Através da pesquisa, compreende-se como o psicopedagogo pode auxiliar no desenvolvimento desse familiar. Isso tudo será possível mediante o ato de analisar as relevâncias social, pessoal e científica da atuação do psicopedagogo no ramo da educação e mostrar a necessidade da sua atuação na escola.

Nesse contexto, a pergunta norteadora da pesquisa foi esta: qual o papel do psicopedagogo no processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência? A partir dessa questão, tem-se como objetivos: compreender a atuação do psicopedagogo no processo de inclusão de alunos com deficiência; perceber a função do psicopedagogo no diagnóstico de alunos com dificuldades de aprendizagem e identificar as estratégias de ensino e aprendizagem para a inclusão de alunos com deficiência.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Histórico e conceito da psicopedagogia

Iniciaremos relatando sucintamente o histórico da psicopedagogia para demonstrar a importância de seu surgimento e sua evolução até os dias atuais.

Os primeiros Centros Psicopedagógicos, segundo Bossa (2007) sugeriram na Europa, no ano de 1946, por intermédio de J. Boutonier e George Mauco, com direção médica e pedagógica; esses Centros mesclavam conhecimentos das áreas de Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, e tentavam readaptar crianças com comportamentos socialmente inadequados na escola ou no lar e atender crianças com dificuldades de aprendizagem, apesar de serem inteligentes.

No Brasil, ainda segundo o que relata Bossa (2007), a Psicopedagogia surgiu a partir de 1960, devido à necessidade de se tratar problemas de aprendizagem recorrentes nas escolas brasileiras que apontavam cada vez mais o baixo índice de desenvolvimento de alguns alunos. Foi na década de 1970 que foram criados os cursos de especialização em Psicopedagogia, baseados em modelos médicos. Foi nesse período que se iniciaram os estudos e as capacitações de profissionais envolvidos com a educação.

Podemos perceber, assim, que a psicopedagogia não é algo da atualidade, ela já existe há décadas ajudando novos aprendizes em seu ensino-aprendizado. Também não é de agora que a psicopedagogia tem influenciado o desenvolvimento educacional, sendo o psicopedagogo aquele que trabalha as dificuldades e potencialidades dos alunos com deficiências. Dessa forma, faz-se necessário profissionais capacitados e dispostos a darem todo suporte essencial na educação de crianças com deficiência no ambiente escolar. Todavia, devemos ressaltar que o psicopedagogo não labuta sozinho no desenvolvimento de um bom trabalho, é preciso um esforço conjunto envolvendo outras especialidades essenciais no ambiente de ensino-aprendizagem. Podemos afirmar, portanto, que a Psicopedagogia, inicialmente, tinha um caráter médico-pedagógico, pois muitos profissionais da área da saúde trabalhavam em parceria com o psicopedagogo.

Complementando essa ideia, Bossa (2007) aponta que a Psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem com a aplicação da psicologia à pedagogia. A partir daí surgiu uma nova maneira de auxiliar as crianças no processo de ensino e aprendizagem, percebendo as mesmas como ser único com características e necessidades específicas. De encontro com esse pensamento, Gasparian (1997, p. 15) afirma que:

Um dos principais objetivos do surgimento da Psicopedagogia foi investigar as questões da aprendizagem ou do não-aprender em algumas crianças. Por um longo período, atribuía-se exclusivamente à criança a patologia do não-aprender. Foi na Europa, no século XIX, que médicos, pedagogos e psiquiatras levantaram questões sobre o não-aprender, entre eles: Maria Montessori, Decroly e Janine.

Diante disso, fica evidente a necessidade de se trabalhar as questões de como educar corretamente e como tratar (para que possam aprender) aqueles que por algum motivo encontrem dificuldades no aprendizado. Essa ideia é reforçada pelo autor ao mencionar que o objetivo do tratamento psicopedagógico é o desaparecimento do sintoma e a possibilidade de o sujeito aprender de forma normal e em melhores condições, enfatizando a relação que ele possa ter com a aprendizagem, em outras palavras, que o sujeito seja o agente da sua própria aprendizagem e que se aproprie do conhecimento.

Com isso, entendemos que quanto melhor for conduzido o processo de ensino e aprendizagem, mais efetiva será a apropriação do conhecimento por parte do aluno. É através de um tratamento psicopedagógico adequado que o aprendiz tem a possibilidade de aprender de forma mais efetiva, e com isso adquirir por conta própria seus novos conhecimentos.

Na concepção de Oliveira (2014, p.18), “A psicopedagogia é uma área do conhecimento interdisciplinar, pois se ocupa da pedagogia, da psicologia, da neuropsicologia, da sociologia, da linguística e da antropologia para ler o fenômeno da aprendizagem”, ou seja, engloba as ciências citadas para melhor entender o ser que apresenta alguma dificuldade no processo de ensino-aprendizagem.

Já Bossa (2007) acredita que a psicopedagogia é um processo que analisa questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo a participação da família e da sociedade. Interpretamos que, além de envolver todas as personagens que fazem a escola funcionar, a psicopedagogia engloba também todos os meios que interferem na formação dos que ensinam e dos que aprendem. E para que de fato aconteça um bom desenvolvimento do indivíduo no processo de aprendizagem com o psicopedagogo, é necessário ter o apoio familiar e da sociedade em torno de todo esse processo, pois sabemos que, de fato, cada indivíduo é diferente e único, no entanto o trabalhar é diferenciado.

De encontro com esse pensamento, Becker (1981, p. 26) destaca que “de uma forma muito restrita, ingênua e ousada, podemos dizer que a psicopedagogia é a disciplina que estuda, reorganiza, aplica e interpreta dados da psicologia, em situações pedagógicas”. Entendemos que, na visão do autor, o psicopedagogo atua como um psicólogo escolar tratando dos assuntos pertinentes ao ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, podemos afirmar que a Psicopedagogia está vinculada à concepção de perceber, observar, tratar e sanar as dificuldades ligadas ao ensino e aprendizagem de alunos com deficiência na educação.

## 2.2. O papel do psicopedagogo na escola

O psicopedagogo é um profissional que pode atuar em clínicas e escolas. Ao falarmos em escola, estamos nos referindo a “um espaço concebido para realização do processo de ensino/aprendizagem do conhecimento historicamente construído; lugar no qual, muitas vezes os desequilíbrios não são compreendidos”. (GASPARIAN, 1997, p. 24).

Portanto, podemos afirmar que a escola é, de fato, um dos espaços mais importantes e necessários, pois lá encontramos as principais peças do processo de ensino-aprendizagem. Primeiro, o aluno como peça e foco principal da aprendizagem; segundo, o professor que, por trabalhar diretamente com o aluno, precisa ser orientado quanto às possíveis dificuldades, as quais este venha enfrentar.

É nas instituições de ensino que o psicopedagogo está envolvido diretamente no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência. Portanto, o psicopedagogo é um profissional apto a auxiliar a escola nesse processo. Entende-se que o trabalho do psicopedagogo escolar requer um constante pensar sobre seu fazer, o que demanda parceria com toda comunidade escolar promovendo efeitos positivos para minimização das dificuldades de aprendizagem.

Dessa forma, no ambiente escolar o psicopedagogo trabalha com alunos, professores, pedagogos, orientadores e com a família. Nas palavras de Santos (2011, p. 02):

O trabalho na instituição escolar apresenta duas naturezas: O primeiro diz respeito a uma psicopedagogia voltada para o grupo de alunos que apresentam dificuldades na escola. O seu objetivo é reintegrar e readaptar o aluno à situação de sala de aula, possibilitando o respeito às necessidades e ritmos. Tendo como meta desenvolver as funções cognitivas integradas ao afetivo, desbloqueando e canalizando o aluno gradualmente para a aprendizagem dos conceitos conforme os objetivos da aprendizagem formal. O segundo tipo de trabalho refere-se à assessoria junto a pedagogos, orientadores e professores. Tem como objetivo trabalhar as questões pertinentes às relações vinculares professor-aluno e redefinir os procedimentos pedagógicos, integrando o afetivo e o cognitivo, através da aprendizagem dos conceitos e as diferentes áreas do conhecimento.

Compreendemos que a ação do psicopedagogo na escola utiliza instrumentais especializados, sistema específico de avaliação e estratégias capazes de atender aos alunos em sua individualidade e de auxiliar esse aluno a resgatar, positivamente o ato de aprender. Cabe ainda ao psicopedagogo assessorar a escola, reestruturando sua atuação junto a alunos e

professores, redimensionando o processo de aquisição e incorporação do conhecimento no espaço escolar, ou seja, encaminhado o aluno para outros profissionais.

Nas palavras de Fagali e Vale (2003), a Psicopedagogia, na atualidade, vai além das pesquisas relacionadas a dificuldades de aprendizagem. Os estudos apontam na direção de duas vertentes para a psicopedagogia: a curativa ou terapêutica e a preventiva:

A primeira tem como objetivo reintegrar ao processo de construção do conhecimento uma criança ou jovem que apresenta problemas de aprendizagem. A segunda tem como meta refletir e desenvolver projetos pedagógicos-educacionais, enriquecendo os procedimentos em sala de aula, as avaliações e planejamentos na educação sistemática e assistemática. (FAGALI; VALE, 2003, p. 9).

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que a atuação do psicopedagogo na escola é de auxiliar de forma mais efetiva toda comunidade escolar e principalmente os professores, apontando formas, ações e estratégias de como trabalhar com alunos com dificuldades de aprendizagem e/ou deficiência. Percebe-se a atuação do psicopedagogo escolar como uma possibilidade de contribuir para a formação continuada dos professores e para o desenvolvimento escolar dos alunos. Na medida em que esse profissional intervém no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência em busca de sua inclusão no ambiente escolar, ele executa um trabalho preventivo.

São muitos os métodos pedagógicos e psicopedagógicos para auxiliar a criança com dificuldade, tais métodos auxiliam os psicopedagogos e professores a desenvolverem estratégias que contribuem para que os alunos superem os problemas relacionados com a aprendizagem escolar.

Dentre os objetivos e as estratégias da psicopedagogia, está a transformação de processos de aprendizado maçantes e difíceis em prazerosos, cujos recursos utilizados são ferramentas que conversam com os alunos, como jogos, brincadeiras e tecnologia. As manifestações lúdicas desenvolvem funções importantes no desenvolvimento da criança e se constituem um instrumento didático importante para o professor.

A educação lúdica, além de contribuir e influenciar na formação da criança e do adolescente, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integra-se ao mais alto espírito e prática democrática enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. Sua prática exige a participação franca, criativa, livre, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio. (ALMEIDA, 2003, p. 570).

Percebe-se que, através das atividades lúdicas, as crianças reconhecem sua realidade e compreendem o funcionamento do mundo e suas emoções, também se desenvolve como indivíduo e aprende a superar suas limitações, brincando e reproduzindo. Em relação aos transtornos de aprendizagem, o psicopedagogo pode implantar atividades lúdicas no planejamento escolar visando o benefício de alunos em situação de dificuldade; auxiliar educadores a lidar com alunos com dificuldades expressivas no processo de aquisição de conhecimento; promover encontros entre o corpo docente para que sejam discutidas atividades, ferramentas e métodos psicopedagógicos; colaborar para o planejamento de projetos escolares; e conversar com os pais sobre os problemas de aprendizagem dos filhos.

Portanto, os jogos e atividades lúdicas são de suma importância no desenvolvimento integral da criança. Reforçando esse pensamento, Lopes (2012) acrescenta que o uso do jogo nas práticas psicopedagógicas contribui para bons resultados até mesmo no aspecto psicomotor.

Acreditamos que os jogos são objetos de ludicidade que facilitam a aprendizagem do aluno, colaborando com a Psicopedagogia na medida em que promovem a aprendizagem significativa para os alunos. Para isso, é necessário avaliar o aluno e, posteriormente, planejar o assessoramento, pois cada jogo tem uma regra, uma especificidade, um objetivo que determinará sua utilidade dentro da intervenção psicopedagógica na escola.

### **2.3. O Psicopedagogo e a inclusão no âmbito escolar**

O psicopedagogo, conforme já dito, é o profissional que auxiliará o aluno com deficiência em seu processo de desenvolvimento, ou seja, propiciará a inclusão desses alunos na sala de ensino regular. Ao falarmos em inclusão, podemos citar Carvalho (2005, p.01) quando afirma que a “inclusão educacional tem ocupado significado espaço de reflexões em todo o mundo, não devendo ser concebida como um preceito administrativo, mas como princípio e como processo contínuo e permanente”.

Portanto, Lopes (2012) destaca que a inclusão não é um modismo, mas o resultado de muitas discussões e estudos que tiveram a participação e o apoio de organizações de pessoas com deficiência e educadores, no Brasil e no Mundo. A autora também destaca a Lei nº 94.192, que trata do ingresso dos alunos com deficiência em espaços menos restritivos, incentivando serviços ofertados na comunidade e a inclusão dessas pessoas.

Outro evento marcante para a área da educação inclusiva foi a Conferência Mundial sobre Educação para Todos (ONU) que aprovou a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, assim como o plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem

que promovem a universalização do acesso à educação. Todavia, foi a através da declaração e Salamanca que de fato passou-se a se falar em educação inclusiva na forma da lei, inclusão em seu sentido mais amplo, não apenas direcionada às pessoas com deficiências.

Afirmando a importância da inclusão, Lopes (2012. P. 20) destaca que a mesma deve ser transformadora, e não utópica, pois temos meio de efetivá-la. Para tanto, é preciso considerar as características diferentes dos alunos, quebrando os paradigmas de uma escola onde todos os alunos precisavam se adaptar ao mesmo método pedagógico e serem avaliados da mesma forma.

Mantoan (2003) destaca que o ensino individualizado que faz diferenciação entre os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem não é uma solução que corresponde aos princípios inclusivos, pois não podemos diferenciar um aluno pela sua deficiência. E as dificuldades dos alunos precisam ser trabalhadas por profissionais que dominem os problemas que envolvem a aprendizagem, através de estratégias que quebrem as barreiras do processo de ensino-aprendizagem.

A autora ressalta, ainda, que alguns alunos enfrentam dificuldades na aprendizagem, não sendo eles os responsáveis diretos por tamanha lacuna no domínio do saber, uma vez que parcela grande da culpa pousa no modo como o ensino é ministrado e na forma como os alunos são envolvidos no processo avaliativo. Portanto, a qualidade da educação dos alunos com deficiência está associada às condições de trabalhos pedagógicos que implicam a formação de saberes e relações, que se entrelaçam por caminhos imprevisíveis para chegar ao conhecimento.

Diante disso, podemos enfatizar a relevância da figura do psicopedagogo na escola, visto que é ele que contribuirá para o que o aluno se desenvolva de forma com mais facilidade. Para Mantoan (2003), os alunos aprendem dentro dos seus limites se o ensino for de fato de boa qualidade. Cabe portanto, ao profissional da educação levar em conta esses limites e explorar as possibilidades de cada um.

Cada escola deve, pois, ter ou criar métodos de ensino que possam administrar e gerenciar o desempenho de cada aluno com as devidas e específicas dificuldades em sua aprendizagem. Portanto, é preciso um modelo organizacional que atenda a alunos com deficiência. O sistema educacional deve considerar as necessidades de todos, atendendo as especificidades dos alunos portadores de dificuldades ou transtornos de aprendizagem.

É o psicopedagogo aquele que detém saberes das ciências que trabalham as dificuldades e os transtornos, a Pedagogia e a Psicologia. Estas ciências capacitam o psicopedagogo a mergulhar no universo escolar para detectar, analisar, orientar e montar seus esquemas de trabalho para atender não só o alunado, mas toda a comunidade escolar. De encontro com esse

pensamento, Ribeiro (2019) destaca que o papel do Psicopedagogo dentro do âmbito escolar também é de prevenção, pois cabe a ele, juntamente à gestão, promover a conscientização do corpo docente acerca das ações propostas para o desenvolvimento de cada aluno.

O Psicopedagogo, portanto, tem papel importante auxiliando os professores, os pais e a equipe escolar no trabalho com a inclusão, pois, para incluir, é preciso o trabalho em conjunto da escola, da família e de profissionais capacitados, pois somente conceder a vaga à criança com necessidades especiais não é suficiente.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. Tipo pesquisa**

A presente pesquisa se caracteriza, inicialmente, como uma pesquisa de campo. Essa, segundo Gil (2008), aprofunda-se em uma realidade específica por meio de uma observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para colher as explicações e interpretações que ocorrem naquela realidade.

É também do tipo Estudo de Caso na medida que, segundo Yin (2001), investiga fenômenos contemporâneos dentro de um contexto de vida real, utilizado especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto são pouco evidentes. Com isso, atribui-lhe o objetivo de explorar, descrever e explicar o evento ou fornecer uma compreensão profunda do fenômeno.

O estudo possui, ainda, uma abordagem qualitativa que, de acordo com o olhar de Denzin e Lincoln (2006), é aquela que aborda o mundo de uma forma interpretativa, ou seja, a pesquisa é abordada em um ambiente natural em busca de compreender os acontecimentos relatados pelas pessoas que ali se encontram. Dessa forma, ao analisarmos as falas dos sujeitos acerca do papel do psicopedagogo no processo de inclusão com crianças com deficiência, estamos utilizando a abordagem qualitativa.

A pesquisa também traz um estudo bibliográfico acerca dos autores que estudam sobre a atuação do psicopedagogo e inclusão, tais como: Bossa (2007), Gasparian (1997), Mantoan (2003).

### 3.2. Local e participantes da pesquisa

O lócus da nossa pesquisa foi a escola privada *ALFA*<sup>6</sup>, localizada no bairro Sapiranga. A escola *ALFA*, de cunho particular, surgiu por iniciativa da professora *beta*<sup>7</sup>, no ano de 2016, que com muito amor a educação já ensinava reforço escolar para crianças em sua residência. O seu maior sonho era de ser diretora de uma escola em seu bairro a qual preparasse crianças para a vida em sociedade com propósito de colaborar efetivamente com um mundo melhor e também se preocupasse com os aspectos humanos mais essenciais, que desenvolvesse habilidades e competências naturais. Assim, ela conseguiu um espaço e colocou seu nome: *ALFA*.

A escola é de pequeno porte composta por: Diretoria/Secretaria, sala de apoio técnico, 5 salas de aula, sala de vídeo e balé, copa/cozinha, refeitório, dispensa, depósito de material de limpeza, 3 banheiros, área arborizada com brinquedos, espaço reservado à psicomotricidade. Seu quadro administrativo é composto de Diretora Pedagógica, Diretora Administrativa, Coordenadora Pedagógica, Psicopedagoga. Seu quadro de pessoal docente é composto por 3 professores da educação infantil, 1 professor do ensino fundamental e 2 Auxiliares de sala.

Os sujeitos da pesquisa foram a coordenadora pedagógica e a psicopedagoga da escola. A escolha dos sujeitos se deu por acreditarmos que esses sujeitos estão relacionados diretamente a aprendizagem dos alunos com deficiência. A psicopedagoga é formada em Psicopedagogia, Neuropsicopedagogia, tem graduação em Recursos Humanos, Pedagogia, Psicanálise, fez também Libras e outros cursos voltados para a área de educação; iniciou como psicopedagoga em fevereiro do ano de 2020. A coordenadora pedagógica é graduada em Pedagogia, trabalha há quinze anos como professora e exerce a função de coordenadora pedagógica há dois anos.

### 3.3. Coleta e análise de dados

Utilizamos como instrumental para a coleta de dados a entrevista semiestruturada, que segundo Severino (2007) é uma técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Em outras palavras, trata-se de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Nessa interação o pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam. A entrevista semiestruturada, segundo Triviños (1987), é o tipo de entrevista em que o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências a partir do foco principal proposto pelo pesquisador, ao

---

6 Por razões éticas optamos por adotar o nome fictício “ALFA” para identificar a escola lócus da pesquisa.

7 Por razões éticas, optamos por adotar o nome fictício “beta” para identificar a fundadora do lócus da pesquisa.

mesmo tempo que permite respostas livres e espontâneas do informante, valoriza a atuação do entrevistador.

A entrevista foi composta de cinco perguntas direcionadas ao psicopedagogo e três perguntas voltadas para o coordenador pedagógico. Os resultados foram analisados através da análise de conteúdo, que, conforme Bardin (2011), consiste em analisar um “leque de apetrechos; ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

Acreditamos que essa metodologia nos dará subsídios para alcançarmos os objetivos propostos nessa pesquisa.

### **3.4. Aspectos éticos**

Como forma de preservar a identidade dos sujeitos e lócus da pesquisa utilizamos nomes fictícios. Visto que toda pesquisa envolvendo seres humanos apresenta algum tipo de risco, destacamos neste trabalho o risco de revelar informações profissionais acerca do trato cotidiano com os estudantes da escola, durante a aplicação das entrevistas.

Vale ressaltar que os respondentes da pesquisa puderam, a qualquer momento, optar em não responder às perguntas ou até mesmo interromper a entrevista caso se sentissem constrangidos. Não houve nenhum procedimento intrusivo à privacidade dos entrevistados. As entrevistas com os participantes da pesquisa ocorreram em local reservado.

Quanto aos benefícios deste estudo, são esperados o melhor entendimento da atuação e da importância do psicopedagogo dentro da instituição escolar e sua contribuição nas relações sociais que acontecem na escola para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

### **3.5. Resultados e discussão**

A primeira pergunta buscou identificar qual a percepção de educação inclusiva dos sujeitos. A psicopedagoga afirmou que educação inclusiva é “o ato de incluir. Todos sabemos que temos o direito de integrar, de participar sem sofrer qualquer discriminação e preconceito”. Ela complementou dizendo que “a escola é que tem que fazer adaptações para que essas crianças também sejam inclusas e tenham também um aprendizado”. A coordenadora pedagógica reforçou que “a inclusão não é só das pessoas com deficiência, mas sim do deficiente, do obeso, do cadeirante, e também de qualquer pessoa que se sinta excluída de alguma forma. E a escola

é o lugar que acolhe e também inclui, é o local que vai aparecer gentes diferentes e todas têm o mesmo direito de aprender.”

Analisando as respostas das entrevistadas, podemos constatar que elas seguem a mesma linha de raciocínio acerca da definição de inclusão, contudo a resposta da coordenadora pedagógica, no nosso crivo, é mais completa, detalhada, sucinta e abrangedora em sua definição, pois abrange, além das pessoas com deficiência, todas as pessoas que possuem algum tipo de limitação.

Sobre a educação inclusiva, Mantoan (2003) afirma que há diferenças e igualdades, e nem tudo deve ser igual nem tudo deve ser diferente; com isso é preciso que tenhamos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de sermos iguais quando a diferença nos inferioriza. A fala da autora reforça o que as entrevistadas compartilharam a respeito da definição de educação inclusiva.

Na segunda pergunta, indagamos às participantes da pesquisa a respeito das ações realizadas na escola que contribuem para a prevenção e superação dos problemas de aprendizagem. A psicopedagoga respondeu que existe “um trabalho preventivo e de acompanhamento. Este trabalho de equipe, realmente de parceria com todos que fazem parte da escola, não é só o professor, são gestores, são os alunos, são as pessoas que trabalham na secretaria para que o aluno ele tenha o melhor desenvolvimento”. Já a coordenadora pedagógica, afirmou que propõe:

Aulas dinâmicas e descontraídas que despertem o interesse dos alunos, permitir a participação dos alunos de forma prazerosa e afetiva, criar aulas expositivas que façam o aluno a pensar, atividades lúdicas para desenvolver o raciocínio da criança, projetos relacionados aos conteúdos em estudo, realizando acompanhamento ativo entre a família e a escola que é muito importante, realizar também avaliações contínuas dos alunos que apresentarem a dificuldade na aprendizagem.

Refletindo sobre o que foi dito por ambas, percebemos que elas concordam que é necessária a prevenção, o acompanhamento e a parceria, além de ações práticas que envolvem prevenção, acompanhamento e parceria.

Reforçando esse pensamento, Carvalho (2005) diz que, para as ações supracitadas serem realizadas, é necessário que os professores e todo o corpo escolar entendam o conceito de inclusão de forma plena, como um processo contínuo para a aprendizagem de toda e qualquer pessoa interessada em aprender.

Na terceira pergunta, indagamos sobre a importância da relação entre o professor de sala de aula e o psicopedagogo no desenvolvimento da aprendizagem de crianças com deficiência. A psicopedagoga apontou que “o pedagogo vai dar todo suporte didático para o desenvolvimento cognitivo de seus alunos, já o psicopedagogo, vai lidar com as questões crônicas, trabalhar o processo de ensino-aprendizagem, ajudar a entender como realmente a criança aprende e vai criar estratégias para vencer as dificuldades”. A coordenadora acrescenta ainda que:

É de grande importância a relação do professor com o psicopedagogo, porque os dois estão interligados; o educador é um mediador, é um observador dentro da sala de aula, tem todo um conhecimento prévio dos alunos; a psicopedagoga pode avaliar o aluno diante de possíveis situações que interferem no desempenho do aluno na sala de aula, além de fazer todo um suporte clínico facilitando um bom aprendizado dos alunos.

Concordamos que ambas destacam a importância da parceria na relação pedagogo e psicopedagogo, logo, para elas, as duas profissões se completam, se interligam, compactuam para interferir positivamente no êxito do aprendizado dos alunos enfrentando dificuldades.

Complementando essa concepção, Bossa (2007) afirma que cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo de aprendizagem, participar da dinâmica que envolve a comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades de cada indivíduo do grupo, realizando processos de orientação. A autora afirma ainda que, assistencialmente, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos nos contextos teórico e prático das políticas educacionais, fazendo com que professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou da própria práxis.

A quarta pergunta, direcionada apenas para a psicopedagoga, procurou identificar as intervenções e estratégias utilizadas com as crianças laudadas para o desenvolvimento de sua aprendizagem. A profissional detalhou que

Primeiramente, faço uma anamnese com os pais, em seguida, converso com o professor da criança e vou elaborando alguns testes com essa criança; reviso os conteúdos que ela está estudando; seguindo, como proposta de intervenção o que mais uso é o lúdico; no lúdico consigo trabalhar as questões voltadas à atenção, concentração, e vou trabalhando todos os aspectos da dificuldade de aprendizagem dessa criança.

Tais estratégias são utilizadas para enfrentar as dificuldades de aprendizagem do aluno, e, por consequência, a dificuldade enfrentada pelo psicopedagogo no processo de inclusão de alunos com deficiência. Dentro de seus estudos e concepções, as intervenções anteriormente descritas servem para o aprimoramento da qualidade da educação dos educandos.

Quando o psicopedagogo trabalha com responsabilidade e empenho, enriquece e evolui positivamente todo o sistema educativo. Mantoan (2003) ressalta que o aprimoramento da qualidade do ensino regular e a adição de princípios educacionais válidos para todos os alunos, de forma natural, resultarão em inclusão escolar das pessoas com deficiências, e, em consequência, a educação especial adquirirá uma nova significação.

A quinta pergunta, também direcionada exclusivamente à psicopedagoga, procurou entender sobre os principais desafios encontrados em sua profissão, os quais, segundo ela, são: “a falta de acompanhamento dos pais; de suporte pedagógico adequado; crianças com baixo nível de aprendizado; e também a quebra de paradigma que algumas escolas ainda têm acerca do psicopedagogo que precisam ser repensadas”.

Diante disso, compreendemos que não existe uma fórmula pronta para solucionar os problemas de aprendizagem dos alunos, sendo o psicopedagogo o responsável por proporcionar a inclusão das crianças com deficiência, buscando proporcionar uma educação inclusiva.

Frente aos problemas, Bossa (2007) aponta que o psicopedagogo deve ter como base fundamentada em seu compromisso a visão de que ele deve contribuir da melhor maneira possível com o processo de aprendizagem. Entendemos, assim, que, mesmo fazendo sua parte, o psicopedagogo dependerá de todos os envolvidos nos processos de aprendizagem.

#### **4. CONCLUSÃO**

Através desta pesquisa, foi possível identificarmos a concepção de educação inclusiva através das falas das entrevistadas, que destacaram como sendo algo que abrange pessoas com ou sem deficiência que sofrem qualquer tipo de limitação. Na percepção das mesmas, a escola deve fazer adaptações para que essas crianças sejam incluídas e tenham uma formação integral.

Foi possível perceber que são fundamentais as ações por parte da escola que promovam uma educação inclusiva, contribuindo para o diagnóstico de problemas de aprendizagem através de práticas preventivas. É o psicopedagogo o profissional mais capacitado para lidar com as deficiências das crianças, pois, na concepção das entrevistadas, a parceria entre o professor e o psicopedagogo se completam de forma a interferir positivamente no êxito do aprendizado dos alunos. Para tanto, é preciso intervenções e estratégias que possibilitem esses

profissionais na promoção da inclusão das crianças com deficiência, considerando suas necessidades e limitações.

O papel do psicopedagogo na escola, portanto, inicia-se por uma análise sobre os vários aspectos dos alunos, por isso esse profissional deve ter uma visão do todo, e não somente no momento das intervenções. É papel da escola contribuir para proporcionar um ambiente harmônico da instituição, tendo como meta a melhoria das condições de aprendizagem e inclusão.

Dessa forma, podemos dizer que alcançamos nossos objetivos, pois compreendemos a importância do psicopedagogo no processo de inclusão, assim como podemos identificar a relevância do papel da escola na promoção de ações inclusivas. A relação do professor e do psicopedagogo foi outro aspecto que conseguimos apontar como fundamental para a identificação das estratégias de ensino capazes de promover a inclusão de alunos com deficiência.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: prazer de estudar técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECKER, Lauro da Silva. A psicopedagogia experimental aplicada à formação de professores. **Educ. rev.** n.º.1 Curitiba Jan./Dec. 1981. Disponível em: [www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acesso em: 10/06/2020.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Acesso: 06/09/21. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11/06/2021.

BRASIL. **Parecer CNE/CES n.º 492**, de 3 de abril de 2001. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os Cursos de História. 2001.

CARVALHO, Rosita Edler. Educação Inclusiva: do que estamos falando? **Revista do centro de educação**. Santa Maria, RS, 2005, n.º 26. p. 32-47.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41. Disponível em: [www.bvirtual.com.br](http://www.bvirtual.com.br). Acesso em: 09/06/2020.

FAGALI, Eloisa Quadros; VALE, Zélia Del Rio do. **Psicopedagogia Institucional aplicada: A aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GASPARIAN, Maria Cecília Castro. **Contribuições do modelo relacional sistêmico para a psicopedagogia institucional.** São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOPES, Dirce Efigênia Brito; Ellen Cássia Esteves Costa Santa Rosa; Silvana Diamantino França. **Fundamentos e Metodologia da Educação Especial.** Montes Claros, MG: Unimontes, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

OLIVEIRA, Mari Ângela Calderari. **Psicopedagogia: a instituição educacional em foco.** Curitiba: Intersaberes, 2014. Disponível em: <[www.bvirtual.com.br](http://www.bvirtual.com.br)>. Acesso em: 01/06/2020.

RIBEIRO, Adler Luisa Barcelar. Reflexões sobre as possibilidades de atuação do psicopedagogo institucional e o processo de inclusão escolar. **Revista Philologus**, ano 25, nº 73. Rio de Janeiro, 2019. p. 27-39.

SANTOS, Rogério Augusto. **O Psicopedagogo na instituição escolar: Intervenções psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem.** Disponível em: <https://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos.htm>. Acesso em: 30/08/2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. ed. São Paulo: Bookman, 2001.

**Recebido em:** 10/01/2022

**Aprovado em:** 11/04/2022